

## ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA: AÇÕES COMUNITÁRIAS NA PREVENÇÃO<sup>1</sup>

David Léo Levisky

Psicanalista, membro efetivo e didata, especialização na área da infância e adolescência da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Membro da IPA. Psiquiatra.

Doutorando do Departamento de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo-Brasil.

Autor de vários livros sobre adolescência.

*RESUMO: O autor descreve a importância da psicanálise na compreensão e prática de ações comunitárias na prevenção das violências que atingem as crianças e os adolescentes e aquelas por eles praticadas. Conhecer, articular, integrar e multiplicar – cabeças fazendo cabeças – são frutos de um esforço conjunto, presença viva da solidariedade existente, que busca espaço e motivação para se manifestar. A comunidade se beneficia e cada um se realiza. Estas ações estão acima de tendências partidárias, econômicas, raciais, religiosas. Devem ser integradas através de políticas públicas de intervenção dos diferentes segmentos sociais e abarcam a multiplicidade de fatores que compõem a sociedade; são expressões de um sentimento amplo e democrático. Não se espera consenso, mas uma capacidade social de continência das diferenças, quando estas não forem possíveis de serem eliminadas.*

*Como psicanalista inserido na clínica venho nos últimos 10 anos aplicando os conhecimentos psicanalíticos na prática social, através de seminários, supervisões individuais, institucionais, cursos, articulação de grupos, grupos operativos, de leitura, etc. A psicanálise propicia a compreensão dos processos identificatórios, suas relações com as culturas e transformações históricas das mentalidades, ampliando os conhecimentos da estrutura, dinâmica e economia do aparelho psíquico humano. Manifestações do inconsciente sobre o consciente, organizações simbólicas, estruturação e participação da linguagem nas várias instâncias psíquicas, nas*

<sup>1</sup> Trabalho selecionado pela Federação Psicanalítica da América Latina-Fepal – para ser apresentado no “Al fin de la batalla” Lima – Peru – 15-18 de novembro de 2001

*constituições éticas, nas teorias sobre os investimentos afetivos e vínculos emocionais, sobre o pensamento, fazem da psicanálise uma área do conhecimento humano essencial na análise da complexidade do pós-moderno. Não é uma transposição para o social das interpretações psicanalíticas nem uma substituição da riqueza das relações transferenciais – contratransferenciais presentes na psicanálise clássica. É uma construção advinda da experiência da clínica psicanalítica, fruto de uma longa formação que permite compreender a subjetividade do homem policêntrico e promover interfaces com outras áreas do conhecimento.*

*A psicanálise possui instrumentos teóricos e competência prática para compreender processos mentais inconscientes; para elaborar diagnósticos intra, inter e transsubjetivos; para apreender o imaginário individual e coletivo (mitos, ritos, utopias, crenças); para contribuir na articulação, ressignificação e transformação dos elementos simbólicos e estressores de grupos que vivem as fragmentações da vida social e cultural contemporânea. Ela também contribui para a formação de profissionais de áreas diversas e alerta a mídia sobre suas possibilidades educacionais, muitas vezes utilizadas de forma irresponsável, associadas aos poderes econômicos. A banalização da violência, do sexo, a presença contínua de imagens que distorcem o cotidiano, invadem a privacidade individual e familiar, criando contextos fomentadores de novas violências.*

*O psicanalista tem a obrigação ética de alertar, analisar e debater os desdobramentos da evolução do mundo contemporâneo, seus valores globalizados e a constituição de uma nova ética. Vivemos na América Latina a maior desigualdade social do planeta. Isto significa um “genocídio físico e de almas”, fere a auto-estima de muitos e estimula o narcisismo de outros. Estresses, doenças psicossomáticas, síndrome do pânico são formas de violência. Trabalho infantil, prostituição infanto-juvenil, doenças sexualmente transmissíveis, drogas, álcool, tabaco, auto e hetero-agressões, crescimento descontrolado das cidades, polícias e escolas despreparadas são as perversões da vida cotidiana contemporânea. Este universo complexo faz com que o psicanalista do terceiro milênio, além do*

*divã, precise colocar “a mão na massa” e participar, através de ações comunitárias, da vida social. A psicanálise do terceiro milênio ainda tem muito a fazer.*

Quando um bebê nasce traz consigo uma série de medos: quem são seus pais, se saberão cuidar dele? Não conhece as dificuldades nem os recursos imediatos para sobreviver. Pouco a pouco descobre suas potencialidades ao longo de um percurso desconhecido. Seu corpo amadurece, se desenvolve e a vida simbólica se constitui na relação com o outro. A vida psíquica não começa no nascimento. Há uma história e uma realidade que antecedem esta vida. Para o bebê, no mínimo a partir de sua vida intra-uterina. Lá, ele já ouve, percebe a luz, recebe os reflexos das reações emocionais, dos hábitos e costumes de sua mãe e, através dela, do pai e do meio ambiente. Se a mãe bebeu, fumou ou transou, o bebê vive os reflexos, num mundo de ruídos, turbulências e prazeres, no qual se desenvolve protegido pelo corpo materno. Se tiver a sorte de encontrar um ambiente que facilite, oriente com afeto, continuidade, cuidados e educação, certamente terá maiores oportunidades para lidar com a vida e nela encontrar felicidade, se realizar.

Dependemos do outro para definir nossa própria existência e identidade. O processo de identificação é complexo, dinâmico e ocorre ao longo de toda a vida. Seu início virtual antecede a constituição do sujeito, uma vez que, no imaginário dos pais, heranças psíquicas e culturais criam um contexto a ser incorporado pelo indivíduo na constituição de sua subjetividade. Elementos que se transmitem e que ficarão impressos na memória.

O processo de identificação prossegue por toda a vida, através de sucessivos períodos críticos de reorganização egóica, com novas redistribuições da libido e transformações de valores e ideais, e que possui características específicas na adolescência.

Quando desejamos um filho ele recebe involuntariamente uma série de ideais, anseios e temores conscientes e inconscientes que vão interferir, querendo ou não, em sua personalidade, através das heranças psíquicas que a ele serão transmitidas. É o contexto familiar. O resultado é uma interação entre aspectos próprios, oriundos das potencialidades individuais e da relação que se estabelece com o outro e com o meio. As relações afetivas, sociais e educativas dentro de um determinado contexto histórico-econômico-cultural criam as condições para a efetivação do processo identificatório<sup>2</sup>. São processos constantes e sucessivos de elaborações, perdas e transformações que ocorrem no mundo do psiquismo, em grande parte, de forma inconsciente. Este processo constrói um sentimento de algo que o define como sujeito. Isto é, sua identidade. Sentimento que nos faz sentir que, apesar de semelhanças e diferenças, temos algo que se organiza em torno de um continuum e dentro de limites. Algo que permite que nos reconhe-

<sup>2</sup> A identificação é “um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma total ou parcialmente, a partir daquele modelo”. É uma condição que dá ao sujeito um sentimento de continuidade e de limite, em relação a si e ao mundo com o qual ele se relaciona. A personalidade se constitui e se diferencia por uma série de identificações (LAPLANCHE & PONTALIS, 1973).

çamos em diferentes momentos de nossas experiências de vida. É uma condição psicológica que tem um valor central na obra de Freud.

A criança nasce numa condição de total dependência e caminha para a autonomia. Parte de um momento praticamente indiferenciado entre o “eu” e o “não eu” até constituir o “eu sou”. Conquista as bases para a construção do sentimento de autonomia e da capacidade de escolha de suas dependências.

A identidade é resultante de um conjunto de identificações parciais, a ponto de encontrarmos na mesma pessoa uma “pluralidade de pessoas psíquicas”, com predominâncias e movimentos entre um ou outro destes aspectos, antagônicos ou complementares entre si.

Uma visão dinâmica e psicanalítica do Homem possibilita relacionar a reciprocidade de influências entre as estruturas mentais e a sociedade na constituição do mundo simbólico do sujeito e suas representações na cultura. Sua formação histórica e relações com as fantasias inconscientes, os imaginários coletivos, a natureza estrutural, dinâmica e econômica do psiquismo, seus mitos, ritos, utopias, ilusões e a dura realidade.

O aparelho psíquico suporta certa quantidade de pressão externa e oriunda das necessidades e desejos inerentes do mundo interno, subjetivo. Ultrapassado esse limiar há uma descarga contra o próprio corpo e/ou contra o meio externo, através de atos explosivos, impulsivos, impensados, para reequilibrar o aparelho psíquico. Situações traumáticas ou micro-traumáticas de excitações/frustrações contínuas, que ultrapassem suas possibilidades de elaboração e reorganização, mobilizam processos psíquicos defensivos. Na busca de um novo estado mental de equilíbrio a pessoa, involuntariamente, pode reagir com indiferença, descargas explosivas contra si ou contra o meio. Quando a descarga é intermediada pela capacidade de pensar, pela atividade simbólica, as fantasias adquirem uma vazão de forma atenuada, o sujeito vive certo grau de alívio e satisfação, integrado à vida social.

Crianças e adolescentes estão em pleno desenvolvimento biológico, psicológico e social, fato que os tornam vulneráveis e receptivos aos estímulos externos, uma vez que buscam no meio externo modelos identificatórios para a formação de sua identidade. Carregam em si potenciais construtivos, destrutivos, reparadores e criativos, de vida e de morte que podem ser estimulados, sublimados, canalizados, reprimidos pela cultura, através da qualidade das relações, normas, valores éticos e morais que a sociedade estabelece.

A violência pode ser um sinal de falência do sistema psicossocial, de saturação mental, uma forma ainda que inadequada, mas também uma busca de renovação e de libertação do excesso de pressões/estímulos. Ela está crônica e banalizada; transformada num valor de cultura e como tal passa a ser incorporada e reproduzida. Ela é também um sinal positivo, de alerta, capaz de mobilizar e nos fazer sair da inércia na busca de processos sociais e psicológicos adaptativos e necessários diante das transformações inevitáveis por que passa a Humanidade.

Violência<sup>3</sup>, palavra difícil de se definir, mas fácil de ser sentida e identificada, principalmente quando se é vítima. É preciso identificar suas manifestações e significados simbólicos. Existe a violência física, bárbara, motivada por conflitos profundos e estruturais de personalidades perturbadas. Outras, são reações que emergem quando o sujeito se sente acuado, diante do desespero, da desesperança, da falta de perspectiva. São situações muitas vezes difíceis de serem diferenciadas entre o que é passível de tratamento e onde a lei se impõe para proteger a sociedade e o próprio agressor. Há, ainda, violências construtivas, libertadoras, frutos do desejo de emancipação, de reconhecimento, de autoafirmação, inerente ao desenvolvimento de qualquer ser humano. São observáveis com facilidade na criança e no jovem, possivelmente em todas as épocas e culturas, manifestadas pela rebeldia e pequenas transgressões assimiláveis e toleradas pela sociedade.

Há, entretanto, violências sorrateiras que destroem a capacidade de análise crítica, de julgamento, da auto-estima. Através de induções, trapaceiam, corrompem, vendem ilusões de prazeres imediatos, que cega e bestializa, destruindo valores como se observa com frequência em certos setores irresponsáveis da mídia, muitas vezes direcionados para as crianças e jovens, visando apenas a ampliação do mercado consumidor. Em nome do quê? Do lucro? Do poder? Do sadomasoquismo?

Crianças e adolescentes sempre estiveram envolvidos em episódios violentos no longo tempo da história e das transformações das mentalidades. São eles que vão à frente dos exércitos (militar, econômico, religioso, etc.) com bravura, coragem, idealização, sacrificados pelos adultos, gerentes ideológicos do processo.

Pelo menos em parte, a violência no mundo pós-moderno pode estar sendo gerada por uma conjunção de fatores decorrentes dos paradoxos que acompanham: uma liberação desenfreada, uma democracia reveladora das fragilidades institucionais, da velocidade astronômica dos meios de comunicação e da evolução tecnológica, da globalização econômica e cultural. Real e virtual se confundem e se difundem para todos os lados. Tudo se repercute em todos e todos recebem as influências de cada um. Há uma tendência em se priorizar o poder econômico, a massificação do consumo, a satisfação imediata do desejo. Mas, pouco evoluímos na qualidade das relações humanas. Vive-se a falta de perspectivas de trabalho, de solidariedade, ferindo o sujeito em sua auto-estima, criando novos fermentos para a violência. Os agentes da hostilidade, com frequência, não se dão conta de que também são vítimas de sua própria violência. Uns por ignorância, outros de forma defensiva frente às ansiedades causadas pela dureza da realidade, e ainda aqueles que por arrogância ou cinismo se negam a lidar com a realidade vivenciada.

Quais as conseqüências que tudo isto está acarretando na constituição do imaginário coletivo universalizado pelas redes de comunicação? Quais as

<sup>3</sup> Violência, um fenômeno: a- "que se impõe contrariamente à sua natureza"; b- "que se exerce com uma força impetuosa contra aquilo que lhe causa obstáculo"; c- que resulta de "impulsos que escapam à vontade"; d- que ocorre quando a pessoa se comporta com uma força impetuosa contra aquele que lhe resiste; e- quando do "emprego ilegítimo, ou pelo menos ilegal, da força" Lalande, A. 1926 (...) São Paulo Martins Fontes 1993

repercussões na formação das mentalidades entre os jovens e sua credibilidade frente ao futuro?

Frente a tantas indagações, constata-se a ampliação de uma rede de iniciativas na busca de solidariedade, integração e participação comunitária, através de inúmeros projetos que envolvem a responsabilidade social de empresas, instituições privadas, oficiais e não-governamentais, grupos de voluntários, associações profissionais, inclusive de psicanalistas.

FOUCAULT<sup>4</sup> salientou a importância do contexto na formação do universo simbólico do sujeito e das instituições.

Penso que é desejável interferir no contexto, na perspectiva de reequilibrar a presença das forças construtivas do homem. É preciso ter presente na mente que a liberdade plena é simbólica. Ela está no ato de pensar, sonhar que se interpõe à ação, e assim possibilita a análise crítica e a seleção da conveniência desta ou daquela ação. Quando este processo falha ou é destruído, corre-se o risco de ações impulsivas e conseqüentemente violentas. Isto para dizer que a repetitividade da violência ou de qualquer outra atividade humana, como a que se observa nos videogames, na mídia televisiva e na internet, induz, fomenta, oficializa um contexto que estimula um sentimento de constância e de concretude de um imaginário. Nestas circunstâncias, o imaginário pode, com grande probabilidade, induzir o contexto e adquirir status de realidade objetiva, e portanto permissiva.

O momento é de participação articulada, integrada, de investimento em práticas que modifiquem as mentalidades, de tal sorte que o poder econômico possa estar integrado às questões de natureza afetiva, psicossocial, educacional vigentes, e não apenas visando o lucro material. Isto requer um sentimento de responsabilidade, de maturidade, que não se impõe, mas se conquista.

O psicanalista tem um papel importante nesta tarefa. Possui teorias que compreendem a organização e o funcionamento mental, aspectos do inconsciente e suas relações com o consciente, leis que regem o equilíbrio psíquico, a formação de símbolos e dos sintomas, as relações grupais e aspectos da subjetividade humana. Esta área do conhecimento humano possui instrumental para colaborar com a integração e coordenação de ações, para interferir no contexto psicossocial, na busca de condições de vida que tornem as sociedades mais contíguas em relação às necessidades que ela mesma fomenta. Isto é, dotada de recursos humanos facilitadores da sobrevivência, de educação, de solidariedade, de possibilidade de realização pessoal e grupal. Situações que dependem da conquista de uma "nova ética".

A psicanálise pode ainda contribuir para abrir e ampliar espaços para a expressão da vida amorosa e agressiva existente em todos nós, através da linguagem, dos meios simbólicos, de forma aceitável e capaz de ser incorporada pela sociedade. Utopia? Demagogia? Ou luta contra a desesperança?

A construção de uma Nova Ética parece ser um dos caminhos. Não significa resgatar a Paidéia da velha Grécia, mas recordar sua importância no sistema educacional contemporâneo. Diminuir as diferenças, oferecer oportunidades para todos, combater a pobreza e as injustiças sociais através de ações educativas e possibilidades reais de emancipação. São caminhos que reduzem e podem nos ajudar a lidar melhor com os sentimentos destrutivos que fazem parte de nossa natureza. Eles podem ser mitigados, diluídos quando não se fomenta os sentimentos de desprezo, desvalorização, abandono, inveja, geradores de hostilidades e violências.

Com a expansão da subjetividade, individualidade e singularidade humanas tem-se perdido a noção dos limites entre o público e o privado, associada a todas as mudanças que caracterizam o mundo pós-moderno. Em parte são conquistas valiosas e surpreendentes. Mas, não podemos nos esquecer que somos seres sociais, dependemos e vivemos em grupos. Ninguém se constitui por si só. Há limites pessoais e grupais. Torna-se necessário descobri-los em cada situação, através do sentir e do pensar, tão empobrecidos nesta era do ter e do agir.

Vivemos numa transição? Além dos fatores já citados, existem agravantes como o crescimento desordenado das cidades, a insuficiência do sistema escolar, policial, de saúde, etc., gerando impactos na cultura. O homem ultrapassou a era do fogo, do ferro, da imprensa, da penicilina, da televisão, da internet e agora vive a da clonagem humana. Hoje, tanto faz ser homem ou mulher; uma pinça e uma proveta são capazes de substituir o antigo pênis e a esquecida vagina. O rabo, faz tempo, já se perdeu. O gozo virá com a pílula!

Não se pensa no encontro do consenso, mas na busca de espaços capazes de abarcar, em certas doses, as diferenças, com tolerância e sentimento de equidade.

Tem-se esquecido as características do coração humano. Quando falta amor, entenda-se: comida, trabalho, saúde, sentimento de valorização do indivíduo, confiança nas relações, faz surgir no inconsciente: ódio, defesas narcísicas, intensificação dos sentimentos de desamparo; os mecanismos de defesa do ego se intensificam e se tornam rígidos. Emergem sentimentos de indiferença, desvalorização da auto-estima, sentimentos de impotência e depressão, ódio pelo desprezo no qual se vive, e novamente mais violência.

Uma sociedade liberalizada de envolvimento e de responsabilidade social, egocêntrica, que não se faz ouvir e que ouve só o que quer, que faz vista grossa, onde tudo vale, em nome de uma pseudodemocracia e ilusório sentido de liberdade, contribui inconscientemente para a geração do clima propício para a violência.

Busca-se uma Nova Ética, que abarque o respeito à subjetividade, à individualidade inserida no conjunto familiar e social, constituído pela grande comunidade das cidades, dos estados e países.

<sup>5</sup> Estarrecido e desolado, interrompi ontem, dia 11 de setembro de 2001, a elaboração deste texto, impossibilitado que estava frente à violência, horror e ceticismo mobilizados pelo ataque terrorista sofrido pelos Estados Unidos. Penso que a cultura ocidental foi abalada e questionada. Ainda que místico, quero crer que diante de tanto terror o homem possa acordar e aprender a lidar com a bestialidade presente em todos nós, favorecida que está pelas características relacionais da cultura contemporânea. Maior liberdade, singularidade e democracia versus aumento do fanatismo, da intransigência e da arrogância. Mais uma vez surge o desejo de que do terror e do caos, com pesar e dor, brote a criatividade amorosa em nossas mentes. A Humanidade não poderá ser mais a mesma a partir da experiência de ontem. Temos muito a aprender quanto às possibilidades de transformações da natureza e qualidade das relações humanas

<sup>6</sup> Rossi, C.: *Dissenso de Washington* Jornal Folha de São Paulo 26/8/2001 p. A12.

Será que o homem necessita de uma ameaça externa, um extraterrestre maligno para se unir?<sup>5</sup> Ou, é mais fácil lidar com o perigo externo a ter de enfrentar a própria destrutividade, camuflada pela negação da realidade, desfaçatez, vista grossa, levar vantagem, o outro que se dane, passe amanhã, tão frequentes em nossa identidade.

As violências, algumas necessárias, podem ser o último grito de clamor dos desesperados, dos que não são ouvidos. Como aquele do bebê, que ao nascer emite seu grito, não de dor, mas, paradoxalmente, de vida e de terror, pelo desamparo experimentado ao iniciar sua longa e derradeira etapa. Mitos que carregamos em nosso inconsciente e que permeiam nossas ações.

Dar sustentação a este conjunto de fatores complementares e paradoxais presentes nos sujeitos e nas sociedades são os desafios atuais. Esta talvez seja a utopia que acompanha o homem no percurso de sua história. Quantos paraísos terrestres e celestiais são referidos na história da humanidade? Mas, melhor preservar a utopia do Paraíso, de Shangri-lá, da Cocanha, para termos esperanças e não cairmos no vazio, na solidão, no desamparo, que tanto nos ameaça. Quem sabe nossa capacidade simbólica de pensar, criar e transformar possa equilibrar as pulsões que emanam de nossos amino-ácidos? Quem sabe, seremos capazes de desenvolver um diálogo não-somente de palavras, mas de ações que busquem efetivamente uma integração entre as diferenças?

Acaba de ser publicado um documento denominado “Dissenso de Washington”. Ele pretende, através de uma série de medidas, melhorar as condições psicossociais da vida no planeta. Propõe: uma redução do protecionismo comercial dos países desenvolvidos e um conjunto de ferramentas a serem desenvolvidas pelos governos nacionais do qual destacamos alguns itens: a- conter a indisciplina fiscal cometida por governos que gastam mais do que arrecadam; promovem ou fazem vista grossa à corrupção, extorquindo dos pobres e da classe média, beneficiando mais os ricos; b- gerar programas onde os gastos públicos privilegiem e assegurem condições sociais e projetos educacionais pré-escolares e escolares eficientes; c- tributar mais os ricos e gastar mais com os outros; d- efetivar programas que protejam e valorizem o trabalhador; e- atacar frontalmente as discriminações; f- dar oportunidades justas aos camponeses pobres através de formas mais adequadas de reforma agrária; g- adequar os serviços públicos para atender aos consumidores, pobres ou ricos. A América Latina é considerada o subcontinente de maior desigualdade no planeta (Rossi)<sup>6</sup>.

O aumento da violência é sintomático de patologia social. Agrava-se a cada dia no Brasil, na América Latina e talvez em todo o mundo. Sua complexidade e gravidade expressam o estresse, o excesso de sofrimento psicológico e social que a sociedade planetária vem sofrendo. Tudo isto se agrava quando pensamos que este é o contexto que estamos transmitindo para nossas crianças e jovens.

Verifica-se uma tendência à falência do sistema psíquico para suportar tantos estímulos, internos e externos, pressionados que somos pelo conceito de “tempo real”, sem tempo e instrumentos internos para a elaboração de nossas vivências, decorrentes dos impactos que as transformações éticas, de valores, etc. acarretam sobre nós. Uma comparação grosseira do que ocorre com o indivíduo e com as massas seria confrontar o impacto cotidiano da cultura contemporânea com aquele que a humanidade sofreu e está vivendo diante do ataque terrorista do dia 11 de setembro de 2001. A sociedade está promovendo modelos identificatórios violentos, não integrados à cultura, que acabam com o passar do tempo se transformando em valores da cultura.

A idéia, talvez romântica, é que podemos nos juntar numa grande ciranda, numa rede ampla de comunicação e interação com aqueles que se interessam pela qualidade da educação e formação da infância e da juventude, integradas à realidade da vida das cidades e dos países. O objetivo é atenuar, e se possível eliminar, certas causas geradoras de violência.

*Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção*<sup>7</sup> reúne pessoas de diferentes áreas do conhecimento, da vida pública, de correntes de pensamento, das comunidades, com profunda vivência e envolvimento em áreas específicas, preocupadas que estão com as diversas questões geradoras de violência. A diversidade de enfoques tem por fim estabelecer um diálogo sobre as ações comunitárias na prevenção das violências. Somos co-participantes e co-responsáveis, tanto como vítimas quanto como agentes destas situações. Conhecer as causas gerais e específicas de violência bem como o desenvolvimento de ações preventivas, integradoras e re-integradoras, mecanismos psicológicos e sociais, procedimentos éticos, condições para a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente, são os objetivos aqui presentes.

A mente humana e suas condutas são resultantes de um processo de desenvolvimento e interação entre fatores constitucionais e simbólicos, oriundos da vida de relação histórico-afetivo-social. Dependem de uma ética que se estabelece precocemente na infância, no seio da família, primeiro modelo social. Têm sua segunda e última oportunidade de reorganização durante a adolescência. Vamos trabalhar juntos. Ações comunitárias na prevenção da violência estão acima de diferenças partidárias, étnicas, religiosas, sociais, econômicas, políticas. Devem articular, congregar e integrar os diferentes segmentos sociais, como expressão de um sentimento amplo e democrático.

Para finalizar, saliento a importância da mídia na prevenção da violência. Ela tem poderes de conscientização, indução, persuasão, informação, conhecimento, comunicação que influenciam positiva ou negativamente o contexto social. Interferem de forma massiva, direta e indiretamente sobre a cultura, os hábitos, costumes, valores éticos e morais. Criam condições facilitadoras para satisfazer o imaginário. Pode ilustrar, mas também confundir através da não discriminação entre realidade, virtualidade e ficção. Bem empregada pode trazer

<sup>7</sup>Levisky, D.L. (org): *Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção* São Paulo Casa do Psicólogo 2001.

lazer, conhecimento, articulação e multiplicação de ações comunitárias na prevenção contra a violência e ser o grande instrumento a serviço da Educação.

Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção – conhecer, articular, integrar e multiplicar é uma contribuição, com a participação da psicanálise ao processo educacional brasileiro e quem sabe de comunidades longínquas e irmanadas pelos conflitos.

***ABSTRACT:** The author describes the importance of psychoanalysis in the understanding and the establishment of guidelines for the steps to be taken by the community to prevent the acts of violence affecting children and adolescents as well as the aggressions performed by them. The rewards brought about by a plan shared by many, a witness of existing solidarity, is to better understand, articulate, integrate and multiply the benefits of such an undertaking. The idea is to enhance the existing solidarity, seeking to amplify it as much as possible. The community would profit from such benefits as well as each one of the participants. These programs will be independent of political parties and of economic, racial or religious factors and should be implemented through public intervention policies that reach all social classes and must take into account all major factors in the community. They must express a thorough and democratic approach and the objective is to address the differences whenever they cannot be overcome rather than to reach a consensus.*

*As a psychoanalyst who has been clinically active in the last ten years I have been using the psychoanalytic tools to address social problems through seminars, individual counseling, institutional counseling, courses, organization of groups, debates focusing selected texts, groups dedicated to direct actions, etc. Psychoanalysis helps to understand the identification processes and their relationship with culture and with the historical changes in mentalities. It also enlarges the knowledge of the structure, dynamic and economics of the human psychological apparatus, the interference of the unconscious sphere in conscious behavior, the symbolic organization, the structuring and participation of the language in the several psychic levels, the constitution of ethics, the theories that study*

*feelings and emotional relationships and thinking. All these tools makes psychoanalysis an essential area of human knowledge in the study of the complex post-modern world. We are neither suggesting a mere transposition of the psychoanalytic interpretations for use in the social sphere nor a replacement of the richness of the transference and counter-transference relationships –used in the classical analysis. Our suggestion is to use knowledge derived from the experience of psychoanalytic clinical treatments that result from a long process that has enabled us to understand the subjectivity of modern man, with his global interests, together with the support of other areas of knowledge. Psychoanalysis masters the necessary theoretical tools and the practical skills that enables us to understand the unconscious mental processes, to diagnose the various levels of subjectivity: inner, inter-personal and in regard to culture, to grasp the individual and collective imaginary (myths, rites, utopia, illusions) to contribute to the articulation of the subjects, to give new meanings and to transform the symbolic universe and to give support to the subjects among groups who suffer from the fragmentation of contemporary social and cultural life. It also contributes to prepare professionals of different areas, to keep the media informed about its educational potential, which is usually used in a completely irresponsible manner, together with other economic poles. The actual triviality of violence and sex and the continuous display of images that distort daily life invade individual and family privacy, creating contexts that reinforce new forms of violence. It is up to psychoanalysts to alert, study and debate the consequences arising from the changes in contemporary world and from the actual global values and take steps to implement new values and new ethics.*

*I would like to stress the importance of the media in the prevention of violence. The media can enhance awareness, induce, persuade and inform. It masters knowledge and has high diffusion potentials and thus can influence positively or negatively the social context. It interferes forcefully, either direct or indirectly, on culture, habits, behaviors and on ethical and moral values. Therefore, it can create*

*conditions so as to facilitate the fulfillment of the imaginary universe. It can illustrate, but also hinder, blurring the limits between reality, virtual and fiction. If it's potential is used in a beneficial manner, it can divulge leisure, knowledge, it can articulate and multiply community actions to prevent violence and become a powerful tool on behalf of Education.*

*Adolescence and violence: community actions to prevent it – to understand, articulate, integrate and multiply is an important contribution, and psychoanalysis is an important player to give support to the Brazilian educational process, maybe even reaching remote locations which undergo similar conflicts.*

*Latin-America is the unhappy leader in the ranking of inequality throughout the world. This situation brings about a true "physical genocide as well as the genocide of souls", it undermines the self-esteem of many and stimulates narcissistic qualities in many others. It is also responsible for many kinds of stress, of psychosomatic unbalances, of panic syndromes... these are manifestations of violence. Children at work, child and adolescent prostitution, sexually transmitted diseases, the use of drugs and cigarettes, auto-aggressions and attacks on others, the uncontrolled growth of the cities, policing and school systems that lack good quality professionals. All these factors constitute the perversions of contemporary daily life. This complex universe lead psychoanalysts living in the third millennium to dedicate some of their time to address these social problems and use other tools besides the couch.*

*e-mail: dlevisky.tln@terra.com.br*

#### BIBLIOGRAFIA

- FOUCAULT, M. (1971) A ordem do discurso. São Paulo, Loyola, 1998.*  
*LALANDE, A. (1926) Vocabulário técnico e crítico da filosofia, São Paulo, Martins Fontes, 1993.*  
*LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. (1967) Vocabulaire de la psychanalyse, Paris, PUF, 1973.*  
*LEVISKY, D.L. (org.) Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001.*

ROSSI, C. "*Dissenso de Washington*", *Jornal Folha de S. Paulo*, 26/8/2001 (pág. A12).